

ESPELHO  
DE PENITENTES,  
E  
CHRONICA  
DA PROVINCIA  
DE



SANTA MARIA  
DA ARRABIDA,

DA REGULAR, E MAIS ESTREITA OBSERVANCIA  
da Ordem do Serafico Patriarcha S. Francisco, no  
Instituto Capucho.

TOMO PRIMEIRO.

OFFERECIDO  
A' SEMPRE AUGUSTA Magestade DELREY

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR  
POR SEU AUTHOR

F. ANTONIO DA PIEDADE,

LEITOR DE THEOLOGIA, QUALIFICADOR DO  
Santo Officio, Chronista, e Ex-Diffinidor da  
mesma Provincia.



LISBOA OCCIDENTAL,  
Na Officina de JOSEPH ANTONIO DA SYLVA,  
Impressor da Academia Real.

---

M. DCC. XXVIII.  
*Com todas as licenças necessarias.*



assim os que acompanhavaõ, como os moradores, Missa pela sua alma, e em chegando a este Convento, não faltámos nós tambem em multiplicar os suffragios, para satisfacção do muito que lhe deviamos.

284 Com huma esmola pecuniaria, que nos deixou, se fizeram no Claustro deste Convento sepulturas em todos os quatro lances, para commum jazigo dos Religiosos, que fallecessem na Enfermaria do Hospital Real, e livrarem aos Religiosos da Obervancia, da molestia de os levarem para o seu Convento de S. Francisco da Cidade, onde até este tempo se enterravaõ, como já temos dito, e iremos dizerão pelo discurso da Historia; e conforme o que nesta seguimos, de alguns destes sepultados, e no Capitulo daremos noticia, quando se offerecer a occasião opportuna. Não queremos com tudo perder, a que temos de nos confessarmos obrigados à muita devoção, que nos tinha Francisco de Tavora, Conde de Alvor, Governador que foy de Angola, Vice-Rey da India, Presidente do Conselho Ultramarino, e Conde de Estado, o qual todos os annos pelas Endoenças vinha assisir com a sua familia nas hospedarias, e corria o gasto, e acceyo da Igreja nestes

dias por sua conta, tendo em grande estimacção o dizermos-lhe, que era Padroeiro das Endoenças. Com singular carinho, e urbanidade nos tratava em toda a parte em que nos via, mas especialmente em sua casa, e neste Convento dominava a benevolencia o respeito, e rudo nelle para commosco era huma admiravel familiaridade.

Depois de governar as Armas do Alentejo na campanha de 1709. lhe sobreveyo hum accidente de estupor, do qual se lhe originou a morte, em cujos braços rendeo a vida, a 31. do mez de Mayo do anno seguinte. No testamento com que faleceo, ordenou queria ser enterrado na Igreja deste Convento, ao pé da pia à entrada da porta. Alguns dias antes, dando-lhe o achaque lutar a se embarcar na liteira, veyo procurar o alivio a esta Casa, e à despedida disse ao Guardião, e mais Religiosos, que no primeiro dia de Santo Antonio havia de vir fazer mais prolongada assistencia com elles, e assim foy, mas não conforme o esperavamos, porque esperando-o vivo, o recebemos morto; e porque até este lugar, que elle escolheo, chega ao carneiro do Conde D. Diogo, com a licença do Marquez de Gouvea, por lhe parecer, o enterrámos. Tambem

com

com a mesma foy nelle sepultada a Condesa de Aveiras Dona Juliana de Noronha, muito nossa devota, e irmã por carta de Confraternidade.

## CAPITULO XV.

*Fundação do Convento de Santa Cruz na Serra de Cintra.*

285 **D**istante quatro legoas da Cidade de Lisboa, para a parte do Noroeste, em hum ameno valle está situada a Villa de Cintra, a quem fazem appetecida o fustifero do Clima, o delicioso das frutas, e a abundancia das aguas. Por esta causa El Rey D. João I. a ennobreceo com hum magestoso Palacio, no qual assistia a mayor parte do Estio, por serem os calores neste reino menos activos; e o mesmo fizeram os mais Reys, e os dous Affonsos V. e VI. nelle falecerão. Pela mesma parte junto à Villa se dilata a Serra, em distancia de legoa e meya, a qual foy taõ celebrada dos antigos, que todos a intitularão Promontorio da Lua; e como esta por outro nome se chama Cinthia, da qual nasce o nomear-se Cintra com pouca corrupção no vocabulo; como affirma o Doutor Alvaro Gonçalves Camoens. Não deixa de se revestir de asperezas,

ainda que não com tanto excessivo como a da Arrabida, mas quasi sempre está coberta de effessa nevoa, por cuja causa rara vez se conhece toda a extenção do dia, e só se experimenta muito prolongada a duracção da noite. Produz muitas, e varias hervas medicinaes, ainda que de poucos conhecidas. São finissimos os jaspes, e a pedra preta que cria; e a de cevar, que nella se acha, he singularmente estimada. Em diversã partes se vê occupada com vinte e duas Ermidas, que a devoção dos Fieis fabricou, para os que quizessem desembaraçados das couzas da terra, procurar as do Ceo no fante exercicio da contemplação; e com effeito em algumas floreceraõ na virtude varios fogueitos, que nellas affistiraõ.

286 Primeiro que se nos edificasse este Conventinho, fundaraõ nella outras Sagradas Religioens seus Conventos. A da Santissima Trindade, hum junto à Villa de Cintra; e os Padres Carmelitas Calçados outro não muito distante da Villa de Collares, que lhe serve de Casa de Noviciado. Para a parte do Sul se admira o Real Convento de Penha Longa, primeira fundação, que tiverão os Padres Jeronymos neste Reyno, de cuja Religiosa hospitalidade entre todos, que a publicação,

fo-

ma, procurará este sitio, onde a natureza havia fabricado huma fermosa lapa: gravado sóno adordecera, e que sónhára adorava ao Santissimo Sacramento nas mãos de hum Sa-cerdote, que revestido o mi-nistrava; vendo outrofi aquella lapa convertida em huma acêda Ermida; e que succedendo-lhe o mesmo em outra occasiã, se resolvera a nos edificar o Convento, fundando a Igreja no concavo da lapa. Bem mostra esta noticia ter manifessta a sua fallencia; porque fundando-se o Convento no anno de 1560. ElRey D. Sebastião a este tempo só contava cinco annos de idade, na qual mais o devemos considerar attrahindo os coraçoes no Palacio, do que despedaçando as fêras no monte; e supposto que elle se mostrou neste exercicio intrépido, he com tudo repugnante à razão para o credito, em taõ tenta idade tanto excessivo; nem os seus Historiadores o referem.

288 Na parede da Igreja da parte do Euangelho achamos gravada huma pedra, e nella com grandes caracteres o seguinte letreiro: „ D. Alvaro de Castro, do Conselho de Estado, e Vêdor da Fazenda delRey D. Sebastião, fundou este Convento por mandado do Vice-Rey D. Tom. I.

fomos nos especiaes pregoeiros, pelo particular carinho, com que nos recebem, quando algumas vezes pela distancia do caminho, e brevidade do tempo, lhes pedimos nos recolhãõ. Não serve tambem de pequeno assumpto ao nosso agradecimento, a grandiosa esmola, que nos fazem no seu Real Convento de Belém, dando ao nosso de S. Joseph de Ribamar todas as semanas doze paens, e vinho para as Missas. No lugar mais eminentemente desta Serra edificou ElRey D. Manoel a esta mesma Ordem outro Convento, com o titulo de nossa Senhora da Pena, cuja Sagrada Imagem se venerava antigamente em huma Ermida, sendo tradiçãõ constante, que neste lugar se achara, por ficar escondida, quando succedeo a perdiçãõ das Hespanhas. Quiz o dito Rey, que estes Religiosos conquistassem o Ceo com suas oraçoens deste sitio, pela viñhança, que com elle mostra ter, e assim mandando desbafar a penha em accommodada planicie, fez o Convento capaz da habitaçãõ de dezoito até vinte Monges. Todas as Officinas, ainda que pequenas, são muito perfeitas, e o mesmo a Igreja, que consta de tres Altares, e para o mayor mandou lavar de alabastro o retabolo, e Sacratio, ma,

242 *Chronica da Provincia da Arrabida.*

diente, declararia, que por sua ordem o fundava.

289 Para que este Conventinho não deixe ainda assim de parecer coisa de sonho, referirey hum, que teve El-Rey D. Joáo III. e as nossas memorias tambem apontão, o qual como não padece tanta contradicção na sua possibilidade, se faz digno de mais credito. Occupava-se El-Rey por esta montanha no divertimento da caça, e querendo-se fender dos adustos rayos do Sol, que pela actividade com que feria, mostravaõ querer converter o alivio em molestia, procurou a lapa, que neste lugar tinha deputado a natureza, para o refugio em semelhantes occasioens; e quando mais a sua ancia se via facida com o fresco que gozava, adormecco; e em sonhos, qual outro Jacob cob em Bethel, se lhe representou, que via naquella cavidade a Sagrada Cruz de Christo adorada, e reverenciada de grande multidão de Anjos. Despertou muito alegre, sendo as lagrimas nos olhos as melhores vozes, com que manifestava a excessiva alegria do coração, que quando ella he desta qualidade, tambem com lagrimas se explica; mas como estas vozes sejam mudas, e o seu nascimento se ignore para a fiel interpretação donde pro-

cedem, o mesmo Rey não me nos satisfeito, que gostoso, referio o sonho aos Fidalgos, que lhe assistião, entre os quaes estaria sem duvida D. Joáo de Castro, que assistia na sua Quinta, a qual por estar no ambito desta Serra, se conhece com o mesmo appellido. Pelo que ordenando o dito D. Joáo de Castro a seu filho, que desta lapa fizesse huma Igreja, dedicada à Santissima Cruz, bem poderemos dizer, que no sonho del Rey teria esta fundação a sua origem, ainda que remota; e o certo he, que D. Joáo era devotissimo deste Sagrado Instrumento da nossa Redempção.

290 Não he menos difficulosa de averiguar a noticia, que temos do tempo, em que se fundou. Todos os nossos antigos, de quem participamos a memoria, o declarão edificadão no anno de 1560. e todos dizem, que o primeiro Provincial desta Provincia Fr. Jacome Peregrino, fora o que o aceitara. Com elles concorda o P. Gonzaga na descripção deste Convento, e Serra, o qual nos diz, que tanto que esta Custodia logrou a dignidade de ser Provincia no anno de 1560. e sendo o seu primeiro Provincial Fr. Jacome Peregrino, determinou o incllyto D. Alvaro de Castro, filho do Vice-Rey da India Oriental D. Joáo de Cast-

ro, edificar este Convento, com o titulo de Santa Cruz, nesta amena, e salustifera Serra de Cintra. Fr. André de S. Paulo se resolveo a certificaros, que se lançara a primeira pedra na Igreja, a tres de Mayo do referido anno, ainda que não deixa de confessar, e attribuir a acceptação da offerta ao Provincial Fr. Jacome. Tudo isto supposto, não podemos deixar de arguir aos Escritores, por estar tão manifesta a contradicção. He de saber, que a Custodia foy levantada em Provincia no mez de Dezembro a 22. tempo, em que com elle finalizava o anno de 1560. como veremos no terceiro Livro: logo se este Conventinho foy fundado no dito anno, não era Provincial Fr. Jacome, nem a Custodia Provincia; e se elle o aceitou, foy a sua fundação em outro anno seguinte. Para ser no mesmo anno, por não estar ainda acabado, não pôde ser; porque lhe faltavaõ sómente nove dias, e do tempo do Inverno, no qual se não dá principio a melhores obras em parte nenhuma, e muito menos se daria neste lugar, por ser a Serra tão fragosa, e aspera. Para ser em outro anno seguinte, algum fundamento nos dá o Padre Gonzaga para o affirmar, em dizer, que D. Alvaro de Castro, tanto que a Custodia

Tom. I. Xij

291 Tambem sem offensa dos mais, que tem a nossa Seráfica Religião, lhe podemos chamar unico entre todos; porque ainda que nosso Padre S. Francisco, e à sua imitação alguns de seus reformados filhos, fundassem outros mais pobres nos edificios, e alfayas, não perfeverão com tudo nesta sua antiga fórma, porque ou de todo se destruiu, ou se converteo em outra fabrica mais sumptuosa; porém neste ainda hoje resplandece a pobreza com que se fundou, assim no toco das paredes, como na vileza da materia de que he forjado, que he de cortiça mal polida: e se o dispenso que se faz nas obras, he argumento mais forçoso, pelo qual se julga, ou a sua magni-

Gonzaga 3. parte 1126.

Chronica da Provincia da Arrabida.

244 nificencia, ou a sua humidade, bastará fabermos, que se gasta- rão em toda a fabrica deste Con- vento somente cem cruzados, que fazem a importancia de quarenta mil reis, para confes- sarmos, que he da humidade, e da pobreza o Padrao mais singu- lar. Muitos Estrangeiros, que o tem vindo ver, o mandarão debuxar, para nas suas terras confirmarem, e acreditarem com a pintura as admiracoens, que fizerem na sua relação aos que o não tem visto: breve- mente darey mais individual noticia da humilde, e abrevia- da architectura das suas Offici- nas, por satisfazer à curiosida- de, a pezar da impertinencia.

CAPITULO XVI.

Prosegue o mesmo assumpto, com a mais-viduacao da fabrica do Con- vento, e de algumas pessoas suas devotas.

292 Entre matros den- tos, e sylvestres arvores, que neste seu mayor retiro produz a Serra mais copiosa, está situa- do este Conventinho, e taõ ef- cando aos mais praticos nos ca- minhos, causa tambem affom- bro aos especulativos, que con- templaõ na sua fabrica. No fim de hum pequeno, mas alle- gre, e acceado terreiro, se ofe-

Sagrada Imagem de Christo Crucificado, entre dous pene- dos, que criando-os a natureza para gruta, a arte com pouco custo delles formou huma acca- da Ermida. Conserva-se ainda em grande estimação a cova do Veneravel Fr. Honorio de San- ta Maria, em que viveo trin- ta annos em alperas peniten- cias. Desperta-nos tambem a memoria dos beneficios, que recebiamos del Rey D. Sebas- tiaõ, huma mesa de pedra, jun- to a huma fonte, em que elle comia todas as vezes, que vi- nha a este Conventinho, por gozar de mais perto da delicio- sa abundancia de suas aguas; com ellas se rega a Horta, que he pequena, como tambem a Cerca.

293 Não ha na Claustra interior mais que hum dormi- torio, o qual tem quarenta pal- mos de comprido, e tres de largo, em tal forma, que en- contrando-se nelle os Religio- sos, para hum passar, preci- samente se recolhe o outro pa- ra alguma das cellas. Saõ estas taõ estreitas, que ordinaria- mente os seus habitadores dor- mem encolhidos, e alguns mandarão abrir na rocha, que lhes serve de parede, buracos para accommodarem os pés: as portas tem cinco palmos de al- to, e palmo e meyo de largo; as paredes que as dividem, saõ Tom. I.

de vimes tecidos com barro, e palha; o forro de tudo he de cortiça, e esta nas portas está pegada em grades de tocca ma- deira. No Refeitório mais pre- valece a mortificação, do que o alivio, assim pelo aperto da Ca- sa, a qual não tem mais que quatorze palmos de comprido, e sete de largo, como pelo mo- do, com que os Religiosos nel- le comem. Estaõ sentados de ambas as partes de huma pe- dra, que lhes serve de mesa, que sem beneficio nenhum da arte, a mandou arrancar nesta Serra para esse effeito o Car- deal D. Henrique. Levanta-se fõmente da terra hum palmo, e tem doze de comprido, e tres de largo. O Religioso, que fi- ca sentado junto à minifra, he o que serve à mesa, por não ha- ver capacidade para outros mi- nifros. Os guardanapos saõ de estopa muito grosseira, as pu- caras por onde bebem, alca- truzes de tocco barro; e de car- ne se guarda perpetua abstinen- cia; e em muitas Quaresmas, e Adventos se não comia cou- sa guizada ao fogo, liberdade, que ainda hoje concede o Es- tar. da Provinc. cap. 39.

294 Por sete degraos de dous Xij

Chronica da Provincia da Arrabida.

dous palmos cada hum, se des-  
 ce para o Coto, o qual serve  
 tambem de Sacrificia; e delle  
 para a Igreja, por entre huma  
 abertura, que faz a recta, se  
 desce por seis degraos, e fica  
 à parte do Evangelho. A Igre-  
 ja he muito pequena: da por-  
 ta até a grade, que divide a  
 Capella mór, tem de distan-  
 cia dezoito palmos, e de lar-  
 gura treze, he de abobada, e  
 as paredes de calhaos, que alli  
 produzio a natureza. Das gra-  
 des até o Altar ( e não tem ou-  
 tro ) se contaõ sómente doze  
 palmos, e este era o vzõ da an-  
 tiga lapa, a quem a mesma ro-  
 cha serve de cobertura. O re-  
 tabolo do Altar he de pedra  
 mais polida, feita ao moder-  
 no, e nelle em seis nichos de  
 hum, e outro lado do Sacra-  
 rio se veneraõ as Imagens do  
 Menino Jesus, de nosso Padre  
 S. Francisco, de nossa Senhora  
 do Rosario, de S. Joaõ Bantif-  
 ta, de Santo Antonio, e do  
 amado Euangelista; e em cima  
 do Sacrario a de Christo Cru-  
 cificado; a sua materia he de  
 marfim, e a esculptura a mais  
 peregrina, que pôde haver, co-  
 mo o testemunhaõ os que se  
 prezão de peritos nesta arte:  
 foy dada de D. Rodrigo da  
 Cunha, sendo Bispo do Porto,  
 pela muita devoção, que tinha  
 a esta Casa. Com o vaso do  
 Santissimo Sacramento se con-

Dona Maria de Noronha, mu-  
 lher que havia sido de D. Al-  
 varo de Castro, terceiro Pa-  
 droiro; nella escolheo sepul-  
 tura, por se não querer dividir  
 na morte do lugar, donde se-  
 não podia apartar na vida. Mor-  
 recolhe o marido, quando os  
 annos na sua primavera a lison-  
 geavaõ como flor, e quiz ella  
 tambem morrer para as lison-  
 jas da sua mesma belleza, pe-  
 la qual conciliando os agrados  
 de muitos Fidalgos, todos a pro-  
 curaraõ para que admittisse fe-  
 gundas vodas, mas frustraõ-  
 se-lhes os intentos, porque no  
 seu desengano tiveraõ sempre  
 a mais forte repulsa. Neste  
 Convento professou a Terceira  
 Regra de nosso Padre S. Fran-  
 cisco, e publicamente fez a  
 Deos voto de castidade. Reza-  
 va o Officio Divino todos os  
 dias, e com tanta perfeição,  
 que se abstrahia de tudo o que  
 a podia divertir de taõ santo  
 exercicio, a que assistia sempre  
 em pè. Não perdoava aos ri-  
 gores do jejum, passando os  
 mais dos dias nas Quatezimas,  
 e Adventos com paõ, e agua,  
 a que juntava os de muitas, e  
 dilatadas disciplinas. Na devo-  
 ção, que tinha ao nosso Habi-  
 to, era taõ extremosa, que  
 com melhor animo sofferia  
 outra qualquer afronta, que se  
 lhe fizesse, do que dizerem-  
 lhe, que havia quem nella a

excedia. Frequentava muitas  
 vezes este Convento, onde  
 o seu espirito recebia sempre  
 grande alivio na contemplação  
 das cousas celestes, edificando  
 aos mesmos Religiosos, a quem  
 reconhecía por exemplares de  
 seus devotos exercicios, nos  
 quaes perseverou até a mor-  
 te, que foy no primeiro dia  
 de Setembro do anno de 1634.  
 296 Ainda que os Padro-  
 eiros não tenhaõ feito eleição  
 deste Convento para o seu ja-  
 zigo, não pôde com tudo ser-  
 vir de argumento da sua pou-  
 ca devoção para comnosco,  
 porque esta a experimentamos  
 sempre em todos muito gran-  
 de, zelando com notavel def-  
 velo, o não se innovar coula  
 alguma no Convento, e só sim  
 reparallo do que tivesse neces-  
 sidade. Entre todos, o que  
 mais empenhado se mostrou  
 nesta empreza, foy D. Fran-  
 cisco de Castro, Bispo da Guar-  
 da, e Inquisidor Geral, o qual  
 para esse effeito, e juntamen-  
 te para os reparos da sua Quin-  
 ta da Serra, deixou duzentos  
 mil reis de juro; e que a Mi-  
 sericordia da Villa de Cintra  
 fosse Administradora, dizen-  
 do, que o estimava tanto por  
 pobre, como os Reys de Cas-  
 tella estimão o seu Escorial por  
 magnifico. Não se enganava  
 neste conceito, porque Philippe  
 Prudente vindo-o ver affirmou,  
 que

295 Dos Padroeiros não  
 nos consta, que algum esteja  
 nella enterrado, e fomente

ria para os desvelos da sua caridade aos moradores neste Convento. Quando a hiaõ visitat, mandava se sentassem com ella no estrado, e conhecendo em alguns a necessidade da refeiçao corporal, ordenava tambem se lhes desse alli de comer, prezando-se mais de se mostrar piedosa mãy para os carinhos, do que Soberana Senhora para os respeitos. Repetidas vezes enviava ao Convento varios mimos, em final do seu cuidado; mas em huma a advertio o Guardião a emendar o excessso, escrupuloso da offensa ainda mais leve, que poderia fazer à santa pobreza. Occupava este cargo entao o Veneravel Fr. Pedro de Antoria; e mandando-lhe a Rainha dous queijos Flamengos, para que os repartisse pela Communidade; elle tomando somente metade de hum, o de mais lho tornou a enviar com as palavras, que lhe ministrou o seu agradecimento, dizendo, que não tomava mais, por amor da santa pobreza, e que na porçao, que lhes ficava, tinha bastante para passarem huma semana, e que pedia o tivesse Sua Magestade assim por bem. Não lhe estranhou a açao, porque não dava lugar a vaidade para a censurar por desattenta: mostrou sim estimallá, como nascida de hum ani-

mente com a esfimola de alforge) respondeo, que lhe parecia ter o que bastava; e nesta fórma com demonstraçoens de agradecido, lhe beijou a mão pela merce, e disse, que de nenhuma coula necessitava. Não pode ElRey reprimir o affombro, que lhe causava tanto desapego, e olhando para o Convento da Pena, rompeo nestas palavras: „Allá es la Pena, y „esta es la gloria. Fizerão-lhe os Religiosos daquelle Convento varias petiçoens para o seu reparo, e neste lhe não aceitaraõ os offercimentos, que fazia, e por isto avaliando a sua prudencia a repulsa destes por gloria, havia de reconhecer a multiplicidade daquellas por pena: ou seria porque naquelle Convento deixava o que não podia levar, que era o retabolo, e Sacratio de jaspe, e desle levava o que podia deixar, que a esfimola do mayor merecimento he aquella, que se dá sem esperar petiçoens; mas como era prudente na politica mundana, o pedirem-lhe lhe causava pena, e o não dar lhe servia de gloria.

297 Muita tinha a Rainha Dona Catharina, mulher del Rey D. João III. em nos favorecer, e além do commum agasalho, que todos os Religiosos desta Provincia achavaõ na sua Real beneficencia, prefe-

mo fingelo, e de huma foliada virtude; e dalli por diante não mandava mais que meyo queijo, e por esta medida regulava a de outras coulas, com que nos favorecia.

298 Não davaõ os Padroeiros nestes tempos ao Convento ordinaria alguma, porque as esfimolas, que recebia dos Povos circunvillinhos, bastavaõ para o sustento dos Frades, e por esta razao tambem os Prelados não aceitavaõ muitas das que se lhe offerciaõ; mas diminuindo-se com os annos os devotos, substituirão a falta os Padroeiros, sendo a sua devoçao o mais nobre principio da liberalidade, com que nos remedeaõ. Na que comoasco usou ElRey D. João IV. tem a nossa obrigaçao para sempre o mais efficaz incentivo para o agradecimento. Sendo ainda Duque de Bragança, affitia na Villa de Almada, e vindo a este Convento, desejofo de ver o que a Fama publicava por unico na humildade, fatiseito o desejo com o exame de huma, e outra pobreza, e das necessidades, que padeciamos, ordenou por Provisão sua, se nos desse todos os annos no Almozarifado da Villa de Calcaes, seis duzias de pescadas, e outras tantas de castoens secos, e todo o peixe, que fosse necessario para solemnizarmos a festa

250 *Chronica da Provincia da Arrabida.*

ta de nosso Padre S. Francisco. Imitou-o na comiferação sua confor-te a Rainha Dona Luiza de Gusnao, mandando-nos dar todos os annos hum moyo de trigo, e huma arroba de ce-ra lavrada. Outra recebemos tambem da piedade de seu fi-lho ElRey D. Pedro II. para se gastar no Sepulchro das En-doenças. Não deixa de nos pa-recer esta compaixão commu-nicada, porque a experimen-tamos tambem, e com sobe-ranas ventagens, na Regia libe-ralidade do nosso Augusto Mo-narcha D. Joao V. que Deos guarde, ordenando se nos des-se para sempre huma pipa de azeite.

299 Despertanos tambem ao agradecimento, a benevo-lencia de algumas pessoas, a quem a sua devoção declarava especiaes no ancio de svelo com que nos remedeavao. O Padre Joao Freire, Prior da Igreja de S. Pedro na Villa de Cintra, além das muitas es-molas, que nos fazia, dava sempre em cada hum anno hum quarto de vinho para as Missas. O mesmo nos deixou Francisco Duarte, Ourives, e mais dez mil reis. Sebastiao Nunes, Cerieiro, nos dava a cera para as Missas; e para o mesmo ministerio deixou qua-tro mil reis todos os annos. Pa-ra se expor o Santissimo Sacra-

300 Por morte deste An-tonio Ferreira, havendo na-quella Villa muitas pessoas nobres, que queriao ser seus substitutos na devoção, com que nos agasalhava, e recolhia a esmola em sua casa, preva-leceo Fernaldo Martins Alber-nas, o qual no Domingo se-guinte ao falecimento de An-tonio Ferreira, foy esperar o molso, que vinha do Conven-to com as canastras, em que se costumava levar o paõ de es-mola, e sem dizerlhe outra al-guma cousa, pegando no ca-brefo à mulla em que vinha, a guiou para sua casa, aonde chegando com grande alvoro-co, chamou pela mulher, que se chamava Dona Maria Re-bella, e lhe disse: „ Senhora, aqui vos trago as canastras, em que se leva a esmola dos nossos Frades, seguros po-demos estar, que ja agora nin-guem as ha de tirar de nossa casa. Isto dizia, receoso de que houvesse outrem, que im-petrasse do Provincial a licença, para o agalho dos Religiosos naquelle dia da esmola. Nesta devoção perseverou até a mor-te, que foraõ mais de trinta annos. Pelo receyo, que este devoro mostrou, e pela reso-lução, que emprenheo, bem se deixa ver a competencia, que havia entre os moradores da Villa para nos favorecer; e

assim ainda que as nossas me-morias nos façao somente dos referidos mais especial men-ção, não fervem com tudo os mais de menor estimulo à nos-sa lembrança, para os enco-mendarmos a Deos em nossas orações, e Sacrificios.

301 He este Conventinho muito fadio, a pezar dos in-commodos, que nelle se pa-decem, porque além da per-petua abstinencia de carne, que nelle se guarda, he muito frio, e humido, em tal forma, que pelo Inverno sempre o dormi-torio está revendo agua, e nas cellas, quando os Religiosos despertaõ a Matinas à meya noite, ordinariamente achaõ os cobertores com que se co-brem, todos molhados. Com tudo se algum adoece, vay pro-curar os remedios à nossa En-fermaria do Hospital Real de Lisboa; mas como fica em dif-tancia de cinco legoas, temos hoje na Villa de Calcaes, que dista somente duas legoas, hum Hospicio para o recurso nas do-enças, que parecerem mais ar-rebatadas. A esta Villa consu-maõ os Prelados mandar to-das as semanas pedir esmola de paõ, e juntamente de peixe, pela abundancia de pescadores, que nella moraõ. Nestes dias nos recolhiao no seu Conven-to os muito Reverendos Padres Carmelitas Descalços, a cuja

mente era o que lhe podia valer, porque a embarcação não admitindo governo, corria cada vez mais veloz para o precipicio. Fez elle voto a Deos, de o servir em huma Religião a mais apertada, se alcançasse a dita de se ver livre daquella tormenta. Screnou-se esta, e mostrando-se dalli por diante o vento favoravel, com profpera viagem chegou ao porto desejado. Não se esqueço com as delicias da terra, da promessa, que a Deos havia feito no mar; e tendo noticia dos apertos, e penitencias, em que florecia esta Custodia, entre as brenhas da Serra da Arrabida, nella pertenceo o Habito, desenganado das vaidades do Mundo, e ambicioso das permanentes felicidades do Ceo. Com notavel alegria o recebeu o Veneravel Fundador, considerando à vista de hum tão grande desapego, o muito, que o seu espirito se havia de augmentar nos fervores. Acertou no discurso, como tão insignie Mestre que era, porque assim no anno da approvação, como nos poucos, que mais viveo, não deixou de seguir os documentos do Apostolo S. Pedro, em declarar por certa a sua vocação. Para conciliar as estimacões de fiel Servo de Deos, bastava fabricar, que seguiu as pizzas de quem o attrahio

a procurar a sua companhia, e assim foy tão pontual em satisfazer aos exercicios da Religião, que na sua observancia ninguém lhe descobrio o mais leve descuido; e por isso com a sua vigilancia se fiziao esculdas as advertencias nos mais provectos. Todo o tempo julgava limitado, para chorar as culpas da vida passada, e para se aperfeicoar nas operaçoens da presente. Aos rigores comuns accreicentava outras penitencias, e mortificações, com as quaes o seu espirito triumphava glorioso dos estímulos da carne. Na oração mostrava receber grandes favores de Deos, e assim sendo poucas as horas, que de noite dormia, as mais gastava neste santo exercicio. Falleço sendo ainda Corista, e todas estas virtudes, que nelle muito resplandecerao, e a resignação, que de si fez na vontade Divina, com o conhecimento da morte, nos dão fundamento, para dizermos o teremos por advogado na presença de Deos. Seu corpo está sepultado no Convento de S. Francisco da Cidade.

303 No mesmo espera a universal resurreicão outro Corista, chamado Fr. Miguel da Ilha, por ser natural de huma delias, o qual sendo de condicão aspera, e activa, fabricava domalla tanto, que elle

la sua alma, e não nos deixamos de lembrar tambem da de Bento Lopes, Mercador, que nos mesmos dias mandava de jantar a este Hospicio para os Esmoleiros, devocão, com que ainda hoje continua seu filho, que tem o mesmo nome.

CAPITULO XVII.

Referense os progressos de alguns Servos de Deos, que falecerão no tempo da Custodia.

302 Com a incerteza dos annos, em que falecerão alguns Religiosos no tempo desta Custodia, e com a certeza dos seus obitos, me resolvi a dar neste Capitulo a noticia daquelles, de quem os nossos antigos fizeram mais particular memoria. Hum dos Noviços, que accitou o nosso Veneravel Fundador Fr. Martinho de Santa Maria, foy Fr. Antonio Fernandes, de nação Castelhana, o qual vindo embarcado das Indias Occidentaes para a sua Patria (ignoramos qual fosse) pertenderão a furia dos ventos, e o empolado das endas frustralhe os desejos, ameaçando-o sómente com a morte no evidente perigo, que reconheciao todos os navegantes. Entre tão grande conflicto suspirava cada qual pelo auxilio superior, que só-

Religiosa urbanidade tribura o nosso conhecimento repetidos obsequios, por nos offerecerem para este effeito o Convento, porque até então nos agasalhavamos na Casa da Misericordia; considerando porém o detrimento, que lhe poderiamos causar, e mais não podendo ser os Esmoleiros sempre Sacerdotes, nos aproveitamos da offerta, que nos fez Paschoal Dias, Architecto, e Mestre das obras do referido Hospicio, o qual elle mandou fazer todo à sua custa. Consta de huma pequena Ermida, dedicada a nossa Senhora com o titulo de Porto Seguro. Venera-se a sua Imagem em hum painel como de vulto, servindo-lhe de Throno hum navio, e por meyo da sua invocação não são poucos os milagres, que Deos nosso Senhor tem obrado, livrando a muitos dos perigos das ondas, por cuja causa he muito frequentada de romarias, que lhe fazem os seus obrigados. Tem mais quatro casas, duas com seus commodos, assim para os enfermos, como para os Esmoleiros, e outras de despejos, e todas muito acaadas. Deixou para o curativo trinta alqueires de trigo, e o procedido de humas terras, e por esta esmola se lhe diz todas as segundas feiras huma Missa na Ermida pe-